

Entrevista

João Roberto Faria¹

Universidade de São Paulo

Soletras: *O que as pesquisas recentes trazem sobre o teatro naturalista no Brasil?*

Infelizmente, não há muita pesquisa sobre o naturalismo teatral no Brasil. As histórias do teatro brasileiro publicadas no século XX ignoraram as manifestações naturalistas em nossos palcos ou em nossa dramaturgia, proclamando que não as tivemos. O que explica isso é o fato de que a hegemonia do teatro cômico e musicado nas últimas décadas do século XIX (operetas, comédias, mágicas e revistas de ano) foi tão forte que ninguém julgou importante verificar se a cena brasileira havia estabelecido um diálogo com o novo movimento literário, que conquistava o público com romances.

Quando me interessei pelo assunto e comecei a fazer a minha pesquisa sobre o naturalismo teatral no Brasil, deparei com um artigo de Brito Broca, publicado num jornal carioca em 1956, no qual ele perguntava: “Houve um teatro naturalista no Brasil?”. Trazendo algumas poucas informações sobre as adaptações de *O Primo Basílio* e de *O Crime do Padre Amaro*, representadas no Rio, bem como a de *O Mulato* e de uma peça de seu autor, Aluísio Azevedo, o texto terminava com a afirmação de que eram escassas as fontes de informação sobre o assunto e sugeria a pesquisa nos jornais da época como o caminho para responder à pergunta.

O artigo de Brito Broca caiu no esquecimento. Depois dele, salvo engano, apenas Jean-Yves Mérian voltou ao tema, quando escreveu uma monumental biografia de Aluísio Azevedo, publicada em 1988. Em um capítulo, discorreu sobre o envolvimento do escritor naturalista com o teatro e comentou algumas das suas peças.

¹ Professor Titular de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. É pesquisador do CNPq e coordenador da coleção “Dramaturgos do Brasil”, da editora Martins Fontes, para a qual preparou os volumes *Teatro de Álvares de Azevedo* (2002), *Teatro de Aluísio Azevedo e Emílio Rouède* (2002), *Teatro de Machado de Assis* (2003), *José de Alencar: Dramas* (2005) e *Antologia do Teatro Realista* (2006). É autor dos seguintes livros: *José de Alencar e o Teatro* (São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1987); *O Teatro Realista no Brasil: 1855-1865* (São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1993); *O Teatro na Estante* (Cotia, Ateliê Editorial, 1998) e *Idéias Teatrais: o Século XIX no Brasil* (São Paulo, Perspectiva/Fapesp, 2001). Entre outros livros organizados, publicou: *Décio de Almeida Prado: um Homem de Teatro* (São Paulo, Edusp/Fapesp, 1997, em colaboração com Flávio Aguiar e Vilma Arêas); *Dicionário do Teatro Brasileiro: Temas, Formas e Conceitos* (São Paulo, Perspectiva/SESC, 2006, com J. Guinsburg e Mariângela Alves de Lima); *Do Teatro: Textos Críticos e Escritos Diversos*, de Machado de Assis; (Perspectiva, 2008); *O Espelho*, de Machado de Assis (Ed. da Unicamp, 2009); *História do Teatro Brasileiro* (São Paulo, Perspectiva/Sesc, 2012/2013, em dois volumes).

Em 2001, publiquei *Ideias Teatrais: o Século XIX no Brasil*, no qual apresentei o resultado de minhas pesquisas. Dediquei uma parte do livro à presença do naturalismo teatral entre nós, comentando as encenações brasileiras e estrangeiras de adaptações de romances naturalistas, como *L'Assommoir* e *Nana*, bem como o debate que os espetáculos suscitaram. Além disso, estudei as peças de Aluísio Azevedo (escritas em parceria com Emílio Rouède), a discussão em torno de *Os Espectros* e *Casa de Boneca*, de Ibsen, aqui representadas, e, por fim, a turnê de André Antoine ao Brasil, em 1903, cujo repertório trazia peças naturalistas francesas. Creio ter apresentado uma visão geral das experiências teatrais do novo movimento literário entre nós e das dificuldades enfrentadas para se fazerem aceitas pelo público. Não foram poucas as polêmicas em torno das peças e da própria ideia de que poderia haver naturalismo no teatro, como era a crença de Zola.

No mesmo ano da publicação de meu livro, vi com satisfação sair pela editora 7Letras um pequeno volume contendo a tradução de um texto fundamental de Antoine, “Conversas sobre a encenação” e a “Conferência do Rio de Janeiro”. A iniciativa foi de Walter Lima Torres, que fez a tradução do primeiro e escreveu a introdução e as notas para ambos.

Em 2007, Jane Pessoa da Silva defendeu sua dissertação de mestrado na FFLCH/USP, sobre a presença de Ibsen no Brasil. A autora fez imensa pesquisa nos jornais e reproduziu artigos importantes do final do século XIX, quando Ibsen foi aqui recebido como dramaturgo ligado ao naturalismo.

Um ano depois, José Leonardo do Nascimento publicou *O Primo Basílio na Imprensa Brasileira do Século XIX*, no qual recolheu todos os artigos suscitados não só pelo romance, mas também pela adaptação teatral – o primeiro espetáculo realizado no Brasil, com base num texto naturalista, em 1878.

A essas obras acrescento outras duas: o volume *Teatro de Aluísio Azevedo e Emílio Rouède*, que organizei para a Martins Fontes, em 2002, e que traz as peças até então inéditas *Lição para Maridos* e *O Caboclo*; o capítulo “O naturalismo: dramaturgia e encenações”, que escrevi para a *História do Teatro Brasileiro (volume I: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX)*, que coordenei para a Editora Perspectiva em 2012.

Não conheço outros trabalhos que tenham sido realizados recentemente sobre o teatro naturalista no Brasil. Talvez haja alguma pesquisa inédita, alguma dissertação de mestrado ou tese de doutorado em andamento sobre o assunto, não sei. De concreto, salvo engano meu, o que temos é o que está arrolado acima.

Soletras: *Quais os romances/textos naturalistas brasileiros que ainda são lidos? E por que estes e não outros?*

Se pensarmos nas edições que estão no mercado, chegaremos aos textos do cânone naturalista, isto é, às obras de Aluísio Azevedo (*O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Cortiço*), Júlio Ribeiro (*A Carne*, *Padre Belchior de Pontes*), Adolfo Caminha (*O Bom Crioulo*, *A Normalista*), Inglês de Sousa (*O Missionário*, *Contos Amazônicos*), Manuel de Oliveira Paiva (*Dona Guidinha do Poço*) e Domingos Olímpio (*Luzia Homem*). Todas essas obras continuam a ser publicadas, o que prova que são lidas. É uma parte significativa do repertório naturalista, que é muito maior, mas formado por livros que não conheceram uma segunda edição. No site da Livraria Cultura, por exemplo, além do que está mencionado acima, encontram-se apenas: *A Fome*, de Rodolfo Teófilo; *A Emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela; *A Luta*, de Carmen Dolores; e *Pedro Espanhol*, de José do Patrocínio. Em formato digital, estão disponíveis: *O Esqueleto* e *O Hóspede*, de Pardal Mallet; *Mota Coqueiro* e *Os Retirantes*, de José do Patrocínio. Várias outras obras continuam esquecidas, como *O Cromo*, de Horácio de Carvalho; *Hortênsia*, de Marques de Carvalho; *Aves de Arribação*, de Antônio Sales; *Mórbus*, de Faria Neves Sobrinho.

Por que alguns romances naturalistas continuam sendo lidos e outros, não? Creio que ao longo do tempo as histórias da literatura brasileira estabeleceram o cânone dos nossos diversos movimentos literários, indicando as obras mais importantes de cada um. O problema, talvez, é que as primeiras histórias da literatura brasileira não deram muita atenção ao Naturalismo, contribuindo para o esquecimento dos seus autores. José Veríssimo, em 1916, para dar um exemplo, cita apenas três autores naturalistas: Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro e Raul Pompéia; alguns anos depois, Ronald de Carvalho, na sua muito lida *Pequena História da Literatura Brasileira*, afirma que “A história do romance naturalista no Brasil está feita na obra de quatro escritores: Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro e Raul Pompéia”. Nem vale a pena discutir o que faz Machado nesse grupo. Se eu não estiver enganado, apenas a partir dos anos 1950 é que vamos dispor de informações mais completas sobre a abrangência do Naturalismo, ou seja, sobre os autores que não haviam entrado nas histórias da literatura brasileira. Lúcia Miguel Pereira lança o seu importante *Prosa de Ficção – de 1870 a 1920*, e Afrânio Coutinho publica a sua *A Literatura no Brasil*. O Naturalismo se torna mais conhecido. Em 1965, Nelson Werneck Sodré lança *O Naturalismo no Brasil*. Não me parece, porém, que esses estudos tenham contribuído para o aumento de leitores de

romances naturalistas, até porque não provocaram a publicação dos autores esquecidos, que se tornaram conhecidos apenas por especialistas. Minha impressão, confirmada pelas obras à disposição nas livrarias, é que o Naturalismo sobrevive hoje por causa do vestibular e por causa das Faculdades de Letras. Quantos dos romances naturalistas chegam ao público? Quais autores independem da escola? Não há dúvida de que Aluísio Azevedo é o mais lido. *O Cortiço* é um clássico que chega a um grande público, independentemente de ser lido na escola. Os demais dependem de outros fatores, como datas comemorativas, edições especiais etc. A única novidade que vejo nesse cenário é que um romance como *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, vem cada vez mais ganhando leitores, por causa de seu tema, a homossexualidade. A literatura homoerótica, nos últimos 20 anos, graças aos estudos de gênero, chamou a atenção da crítica universitária e ganhou enorme espaço na imprensa, conquistando um público novo.

Soletras: *Quando comparado com o romantismo e o modernismo, a historiografia literária brasileira tradicional costuma tratar do naturalismo oitocentista como uma estética "menor". Como explicar essa hierarquização?*

De fato, o Naturalismo, “espremido” entre o Romantismo e o Modernismo, não mereceu a mesma atenção por parte dos críticos e historiadores da literatura brasileira. Deve haver várias explicações para isso. O que me ocorre é que, no caso do Romantismo, pesou o fato de se tratar de um movimento dedicado à criação da literatura nacional, uma ideia forte que agregou escritores e intelectuais em torno de um objetivo comum. Todas as obras, como afirmou Machado de Assis, vestiram-se com as “cores do país”, caracterizando um momento de luta pela nacionalidade literária. O estudo desse fenômeno seduziu nossos críticos, que se debruçaram sobre as obras literárias, os jornais, as revistas, a fim de melhor caracterizar, nas palavras de Antonio Candido, o segundo “momento decisivo” da formação da literatura brasileira.

No caso do Modernismo, creio que a qualidade dos autores e obras e a própria abrangência do movimento justificam o interesse dos críticos e historiadores da literatura brasileira. Em menos de uma década, revelam-se grandes escritores, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Depois, surgem os romancistas de 30, levando a prosa à mesma altitude da poesia. Nossa literatura chega à maioria com o Modernismo e se torna autônoma em relação aos modelos europeus. Isso

não é pouca coisa. Muito esforço tem sido despendido para estudar o significado desse movimento e a riqueza de seu repertório nos terrenos da poesia, da prosa e das ideias literárias.

O Naturalismo fica evidentemente em desvantagem, quando comparado ao Romantismo e ao Modernismo. Mas talvez haja ainda outra razão para explicar o fato de ter sido o menos estudado dos nossos movimentos literários. Creio que a força da obra de Machado de Assis, contemporâneo dos escritores naturalistas e adversário ferrenho de seus pressupostos teóricos, também deve ser levada em conta. Machado atraiu para si a atenção dos críticos que se voltaram para a literatura brasileira da segunda metade do século XIX e tornou-se o escritor mais estudado do período. Sua obra é uma espécie de monumento que deixa na sombra as demais.

Soletras: *O jornalista francês Jules Huret em sua célebre “Enquete sobre a evolução literária”, de 1891, perguntava: “O naturalismo está morto?”. Perguntamos agora: O naturalismo ainda sobrevive no século XXI?*

O Naturalismo, entendido como o movimento literário que incorporou a mentalidade científica da segunda metade do século XIX, está evidentemente morto. Ninguém acredita mais nas ideias deterministas ou nas certezas positivistas. Mas há um princípio do escritor naturalista que sobrevive, aqui e ali: o de que a observação do real deve ser o ponto de partida para a sua reprodução no interior da obra literária, mediada pela forma artística. É claro que tal princípio não é exclusividade do escritor naturalista, mas foi ele que o radicalizou e sistematizou no final do século XIX. Sempre que um romancista queira que sua obra ficcional convença o leitor de que está diante de um retrato da realidade (quase sempre um retrato crítico da realidade social), esse propósito lembra o Naturalismo. A literatura que procura mostrar “a vida como ela é”, no seu sentido mais amplo, que engloba não só a vida social, mas também as relações interpessoais, é uma literatura de inspiração naturalista. Ou realista, que é um termo talvez mais aceito, por não estar necessariamente ligado a um movimento literário. Boa parte da literatura brasileira do século XX, guardadas as particularidades de cada autor, foi produzida a partir da observação do real, com resultados extraordinários, como vemos no romance regionalista de 30, no romance-reportagem dos anos 1970, ou na obra de Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, João Antônio, Nelson Rodrigues e Plínio Marcos, para citar alguns exemplos. Se pensarmos que esses escritores ainda hoje são uma fonte de inspiração

para os mais jovens, só podemos concluir que uma parcela da literatura brasileira produzida nos últimos vinte anos vai pelo mesmo caminho, como se pode perceber nas obras de autores como Paulo Lins, Ferréz, Fernando Bonassi, Luiz Ruffato, Marcelino Freire, Marçal Aquino, Edyr Augusto e Luiz Alberto Mendes, entre outros. Como disse acima, é preciso pensar na singularidade de cada um, mas não custa lembrar o que disse Ruffato numa entrevista, e que talvez se aplique a todos: sua literatura “é uma reflexão sobre o real, a partir do real”.

Resta dizer que a preocupação com a reprodução da realidade é uma herança naturalista que encontramos não só na literatura, mas também no cinema, na TV e no teatro. Em tempos recentes, mais nos dois primeiros, bem menos no último. O “estilo de interpretação naturalista”, isto é, a metamorfose do ator em personagem, foi criado no final do século XIX, com os espetáculos de André Antoine no Théâtre Libre de Paris, e sistematizado como método por Stanislávski, no começo do século XX, no Teatro de Arte de Moscou. Aos poucos, a interpretação naturalista perdeu terreno no teatro e migrou para o cinema, e depois para a TV, onde atualmente é hegemônica. Para isso contribuiu Lee Strasberg, com o famoso Actor’s Studio, celeiro de notáveis intérpretes naturalistas como Marlon Brando e Robert de Niro. Lembre-se ainda que os livros de Stanislávski continuam a ser lidos e estudados por todos os jovens que pretendem ser atores.